

O MOVIMENTO DOS SEM TERRA (MST) COMO ESPAÇO INFORMACIONAL: ANÁLISE DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS DESENVOLVIDAS POR COORDENADORES E LÍDERES

THE LANDLESS MOVEMENT (MST) AS AN INFORMATION SPACE: AN ANALYSIS OF THE INFORMATION PRACTICES DEVELOPED BY COORDINATORS AND LEADERS

Holda Coutinho Barbosa¹

INTRODUÇÃO

A escolha do *Movimento dos Sem Terra* (MST) como espaço informacional deu-se em razão da minha formação acadêmica no curso de Bacharelado em Ciências Sociais (especialidade em Sociologia), na cidade de Campina Grande, *Campus II*, da *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB), no qual realizei uma pesquisa monográfica sob o título: *Ligas Camponesas e Movimento dos Sem Terra: um estudo comparativo (diferenças e semelhanças) das estratégias de mobilização entre os dois movimentos*. O trabalho instigou-me a, além dos objetivos propostos, verificar como, por exemplo, a comunicação se efetua no MST. Como o Movimento utiliza a informação e como ela é distribuída por seus integrantes, coordenadores e líderes, a partir das instâncias existentes.

Como aluna do *Curso de Mestrado em Ciência da Informação* (CMCI), e através da linha de pesquisa Informação e Cidadania, ampliam-se as possibilidades para que o estudo seja concretizado, agora acompanhado de uma literatura que abranja não só a informação, mas também as práticas informacionais, além dos movimentos sociais e o próprio MST.

Portanto, a partir da pesquisa anterior e das condições proporcionadas pelo CMCI aprofundo a investigação a respeito da informação no Movimento dos Sem Terra, partindo de uma categoria mais ampla dentro da Ciência da Informação, as práticas informacionais, enfocando como as informações são geradas, recebidas e transferidas por coordenadores e líderes do Movimento.

Assim, analiso as práticas informacionais no contexto do MST a partir dos discursos dos coordenadores e líderes do movimento na Paraíba. Este o objetivo geral, enquanto nos específicos busco identificar os canais de recepção, de geração de informação no MST, bem como definir os canais de transferência de informação no Movimento, além de identificar as barreiras que impedem o desenvolvimento das informações. Assim, através da coleta de dados, busco responder aos objetivos propostos.

MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A literatura em torno do tema é vasta, por lidar com questões das conhecidas e debatidas por uma gama de especialistas das ciências humanas: os renomados teóricos, Bourdieu (1989), Habermas (1989), Hobsbawm (1978), Gohn (1995, 1997). Nesses destacamos: os movimentos sociais, os processos de aprendizagem, o poder simbólico, e

¹ Aluna do *Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba* (CMCI/UFPB)

de outros autores da Ciência da Informação, tais como: McGarry (1984), Marteleto (1995), Araújo (1998), Figueiredo (1979) entre outros. Por sua vez, esses teóricos abordam não só os aspectos conceituais da informação, mas outros temas relevantes como as práticas informacionais, que na década de 90 despertaram o interesse de muitos estudiosos, tanto da classe docente como discente na Ciência da Informação.

No que tange a abordagem teórica dos temas ora trabalhados, inicialmente discorre-se acerca da Informação, sua conceituação a partir de alguns especialistas da Ciência da Informação, bem como sua influência nos movimentos sociais, sua importância e contribuição na realização da cidadania. Em segundo lugar, delineiam-se as práticas informacionais. Esse tema cada vez mais ganha notoriedade entre os acadêmicos, pois abrange três fases importantes: a geração, a recepção e a transferência de informação. Finalmente, as barreiras, que podem ser de ordem financeira, educacional, cultural, entre outras, e podem dificultar as práticas informacionais, impedindo o desenvolvimento do fluxo das informações.

Os movimentos sociais vêm em seguida. De início, mostro esses movimentos em seus primórdios, precisamente a realidade européia. Em nível de Brasil, os primeiros movimentos dão-se no período da escravidão, sendo portanto, um espelho para os outros movimentos futuros. Dentre outros destaco: Canudos, ocorrido no final do século XIX, na Bahia; vários movimentos rurais ocorridos a partir da década de 40, como por exemplo: Trombas e Formoso (GO), o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER – RS) e as Ligas Camponesas, no Nordeste. Todos esses movimentos se detiveram na luta pela terra e pela reforma agrária. Foram lutas de trabalhadores rurais contra o poder constituído dos coronéis e proprietários de terras (latifundiários). Dando continuidade a essas lutas pela reforma agrária, mesmo durante o Regime Militar, alguns trabalhadores rurais davam seqüência, ainda que de forma clandestina. Foram nesses encontros que os trabalhadores rurais que lutavam pela terra e eram despejados, ficando à margem das estradas e, conseqüentemente, sem terra e de outros trabalhadores que da mesma forma ficaram marginalizados devido a construção das grandes hidrelétricas, como a de ITAIPU, se uniram, resultando no surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Encruzilhada Natalina no Rio Grande do Sul em 1984.

O Movimento dos Sem Terra desde sua origem sempre reivindicou em favor da reforma agrária e, por isso mesmo, em seus objetivos principais estão: a luta pela terra, a reforma agrária e uma sociedade mais justa. Para alcançar tais objetivos o Movimento se estruturou organicamente, dividindo as atividades em instâncias: **Congresso Nacional, Encontro, Coordenação, Direção e Secretaria Nacional**, e nove **Setores Nacionais**, entre eles o de Frente de Massa, Educação e Formação. A intenção em apresentar essa estrutura do MST é mostrar que ela tanto facilita as práticas informacionais, a interação social entre seus integrantes, como também aponta as práticas sociais mais comuns existentes no MST, como reuniões, assembléias, caminhadas, negociações, dentre outras.

O MST como um movimento social do campo que tem suas peculiaridades inerentes surge de lutas concretas de trabalhadores rurais; cria as formas de ocupações de terras, de acampamentos e assentamentos como solução de realizar a reforma agrária. Essas particularidades ficam evidentes quando verificamos as estatísticas: 518 ocupações foram realizadas até 1997; 151.427 famílias foram assentadas e 4.8 milhões de famílias sem terra estão distribuídas em todo o território nacional. (Gohn, 1995). Em dados mais recentes podemos notar que a luta do MST pela reforma agrária continua firme: 200 mil famílias assentadas em mais de 7 milhões de hectares; construção de nove cooperativas centrais, de cooperativas locais, de produção, serviços e comercialização, e duas cooperativas de crédito. Esses são dados nacionais referentes a 1998, conforme Agenda (1999) do próprio MST.

Como se pode observar as estatísticas anteriores dizem respeito a atual situação do MST nacional, principalmente das regiões Sul e Sudeste respectivamente. São nessas regiões que o Movimento tem se expandido com mais intensidade, tanto em questões de solucionar as desapropriações, como em termos de aumento dos conflitos de terras. Nas outras regiões do país o MST também teve uma expansão significativa, especialmente o Nordeste, pois com o envio de lideranças dos Estados do Sul para essa região, o quadro mudou. Para o Estado da Paraíba, por exemplo, a Coordenação Nacional enviou lideranças para que fosse realizado um trabalho de base e de formação de novas lideranças, com o objetivo de expandir o Movimento no estado. O Movimento dos Sem Terra na Paraíba se concentra com mais intensidade nas microrregiões do Litoral e Várzea, embora atue em outras como o Cariri, Sertão e Agreste. As cidades onde estão concentrados alguns dos assentamentos são: Pitimbu, no litoral; Cruz do Espírito Santo e Pedras de Fogo, na várzea. Os acampamentos estão distribuídos nos municípios de Cruz do Espírito Santo, Píripituba e Sertãozinho. Os dados estatísticos do MST - PB indicam que atualmente são sete assentamentos com um total de 747 famílias assentadas, distribuídas nesses assentamentos.

No tocante aos procedimentos metodológicos, o campo de pesquisa como aprovado no projeto de pesquisa, constava dos assentamentos que o MST acompanha nos três municípios paraibanos: Cruz do Espírito Santo, Pitimbu e Pedras de Fogo. No entanto, o campo de pesquisa ficou restrito aos assentamentos de Massangana III e Canudos, que pertencem ao município de Cruz do Espírito Santo. A decisão dessa escolha se deu pelos seguintes motivos: a) dificuldades de acesso aos assentamentos; b) a não permissão por parte dos assentados de pesquisadores nas áreas de assentamentos (no caso de Pitimbu); e c) a ausência do MST nos assentamentos de Pedras de Fogo.

As etapas de trabalho após a coleta dos dados ficaram assim estabelecidas: a transcrição das entrevistas (feitas através do gravador), da leitura do diário de campo, da organização dos dados e, por fim da análise dos dados. Por sua vez, as técnicas utilizadas na pesquisa foram as seguintes: entrevista semi-estruturada e a observação participante. As entrevistas realizadas ocorreram tanto na sede do MST em João Pessoa como nos assentamentos Massangana III e Canudos, respectivamente. A observação participante se deu no assentamento Canudos durante três dias: 28, 29 e 30 de abril de 1999. Durante esses dias de permanência, as entrevistas foram realizadas com alguns assentados líderes, além disso, observou-se o cotidiano dos assentados e a escola que é mantida pelo MST.

CONCLUSÃO

Esta parte reservada as colocações finais da pesquisa, as conclusões do pesquisador no tocante aos objetivos pretendidos. No entanto, como a pesquisa não está concluída, apresento então a situação atual da pesquisa.

Após o exame de qualificação em setembro de 1998, os levantamentos iniciais da literatura em torno do tema foram sendo selecionados. Desde especialistas da Sociologia e outros da área humano-social que discorreram a respeito de movimentos sociais no Brasil e América Latina e autores brasileiros que detiveram sua atenção em torno do Movimento dos Sem Terra (MST) ao longo dos quinze anos do Movimento até teóricos da Ciência da Informação que voltam suas atenções aos aspectos conceituais, tipológicos e uma vasta literatura acerca da informação, bem como de categorias consideradas fundamentais como as práticas informacionais, um termo novo que começa a despertar interesses na área da Ciência da Informação.

Logo após a fase de levantamento de literatura, a atenção volta-se para a continuidade dos contatos com integrantes do MST, na sede da secretaria em João Pessoa para realização da pesquisa de campo, aplicando, inicialmente o pré-teste, através de entrevistas. A primeira delas com Dilei Aparecida, em que relatou como se deu sua

inserção no MST, bem como outros aspectos referentes ao Movimento. Com ela foi realizada uma segunda parte da entrevista, que constou em responder o roteiro de pesquisa. As outras entrevistas foram com outros coordenadores do MST: Cláudio, Edivaldo, Terezinha e Antonio “Carneiro”; os outros entrevistados foram os líderes dos assentamentos citados.

Dando seqüência à dissertação, atualmente redijo os capítulos I e II dedicados aos vários aspectos da revisão de literatura, realizo também a pesquisa empírica com as entrevistas e a observação participante, sempre tendo o cuidado de contatar os coordenadores estaduais, antes de ir a campo para saber dos representantes dos assentamentos delimitados na pesquisa. Simultaneamente transcrevo as entrevistas e, organizo os dados, para dar seqüência a análise dos dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. *A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação).
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico: memória e sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- FIGUEIREDO, Nice M. de. O processo de transferência de informação. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.119-138, 1979.
- GOHN, Maria da Glória. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez, 1997.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HOBSBAWM, E. J. *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos Séculos XIX e XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MCGARRY, K. J. *Da documentação à informação: um conceito em educação*. Lisboa: Ed. Presença, 1984, p. 196.
- MARTELETO, Regina M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare Cad. Prog. Pós-graduação Ci. Inf.* Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 11-23, jul./dez., 1995.
- _____, RIBEIRO, Leila B. Práticas de informação no ambiente escolar. *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p. 207-214, jul./dez. 1989.
- MOVIMENTO DOS SEM TERRA. *Agenda 1999*. [s. l.: s. n.], 1999.